

LER É IGUAL PARA TODOS?

COMO POTENCIALIZAR AS HABILIDADES DE UM ALUNO COM DISLEXIA?

Alguns fatores são os fatores que podem interferir na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita. Crianças com poucas oportunidades educacionais, com déficits cognitivos, com transtornos psiquiátricos, dentre muitas outras situações, podem apresentar dificuldades acadêmicas diversas. Por isso, existe a necessidade de conhecermos individualmente suas histórias e de termos uma formação que contemple todos os aspectos envolvidos no desenvolvimento infantil. Entretanto, mesmo com tantas variáveis, não reconhecer que uma criança possa ter um Transtorno de Aprendizagem também pode ser considerado uma forma de eugenia: então seriam todos iguais? Aprender a lidar com as diferenças não significa apenas aceitá-las (ser “bonzinho”), mas sim poder ajudar o sujeito a atingir seu potencial pleno, e, para isso, é importante entender a natureza de sua dificuldade.

A Dislexia, um dos vários problemas de aprendizagem, pode esconder habilidades e inibir a vontade de aprender até da própria pessoa. Esforçar-se continuamente, tirar notas baixas e ouvir repetidamente de colegas ou familiares que é preguiçoso ou burro pode fazê-lo acreditar que não é capaz. E aí começa um dos primeiros desafios do professor: seria possível fazer um estudante disléxico manter-se motivado diante de insucessos recorrentes?

O QUE É DISLEXIA?

Dislexia é um Transtorno Específico de Leitura, ou seja, não há déficit intelectual, sensorial ou privação ambiental que



justifiquem as dificuldades apresentadas. A compreensão geral é boa. Se um adulto puder ler um texto compatível com a faixa etária da criança com Dislexia em voz alta, ela será capaz de interpretar, fazer correlações com seu conhecimento de mundo, além de inferências. Mas se ela for realizar a leitura sozinha, o esforço despendido na parte mecânica será tanto, que ela não conseguirá nem lembrar do que acabou de ler. Quando ler é difícil, escrever fica mais ainda. Então o estudante pode contar uma história maravilhosa, mas aquela que escreve não reflete essa possibilidade. Se compararmos seu texto oral ao escrito, nem parece que foi a mesma pessoa que produziu.

Trata-se de uma alteração linguística, especialmente na área fonológica, mas que pode envolver também o processamento visual. De forma simplista e metafórica, poderíamos dizer que o esforço para selecionar mentalmente um som associando a uma imagem mental é tão grande, que a leitura de um disléxico ficaria sempre como a direção de um piloto principiante. A atenção despendida para apertar os pedais, passar a marcha ou olhar o espelho é imensa, e atrapalha funções importantes como ver se alguém está atravessando ou freando o carro em frente. A leitura de quem tem Dislexia não seria automática e atrapalharia funções mais nobres, como a interpretação.

A história familiar é comum em estudantes com Dislexia. Com frequência há algum parente que tenha apresentado dificuldade escolar, trocas na escrita ou outro tipo de alteração de linguagem (atraso na aquisição, gagueira...). Como muitas vezes não foi identificado corretamente, vemos direções diferentes de acordo com cada história: do abandono da escolarização ou adultos com empregos bem aquém de suas possibilidades ou com dificuldades sociais secundárias, àqueles de grande sucesso porque souberam utilizar suas habilidades, suplantando os obstáculos.

Há alguns sinais precoces que já podem ser observados desde a educação infantil, como o atraso de linguagem, a persistência de fala infantilizada, a pronúncia incorreta de palavras, a dificuldade em nomear (lembrar o nome das palavras), em aprender e se lembrar os nomes das letras e em entender que palavras podem ser divididas (jogos com sílabas, rimas). No início da escolarização formal podem ocorrer dificuldade de alfabetização, a leitura é feita sob esforço, sem automatismo, entrecortada, com pouca entonação, tropeços e adivinhações de palavras. E na escrita podem aparecer omissões, trocas, inversões de grafemas, dificuldades para

se expressar pelo sistema escrito, além daquelas que logicamente fazem parte do processo. Nas séries seguintes, podem surgir dificuldades com outros idiomas, o processamento da leitura pode ser mais lento que o dos pares, prejudicando a compreensão especialmente na leitura silenciosa, justamente aquela mais usada nesta etapa. E, em relação à produção textual, persistem falhas ortográficas, há dificuldade no uso de maiúsculas e pontuação, bem como na organização dos textos.

No início da escolarização formal podem ocorrer dificuldade de alfabetização, a leitura é feita sob esforço, sem automatismo

POR QUE DEVEMOS AGIR?

Pesquisas revelam que crianças com transtorno do aprendizado tornam-se um grupo muito mais favorável ao bullying. A maior parte das ocorrências é na escola, justamente ambiente onde a criança e jovem com dislexia têm suas fraquezas mais expostas. Mais grave ainda são os estudos que apontam que sujeitos com Transtornos de Linguagem em geral são mais vulneráveis à marginalidade, e estão em alta proporção em sistemas prisionais internacionais, onde as pesquisas foram realizadas. Aguardar um “estalo” pode ser um grande risco.

Reflexos negativos na família são quase que inevitáveis. As horas a fio necessárias para o dever de casa, depois de um dia estressante de trabalho ou escola, deixam ânimos acirrados entre pais e filhos. Justamente naqueles poucos momentos em que as famílias teriam para trocar experiências agradáveis. Nos períodos que precedem as provas, a situação só se agrava, tomando espaço de lazer de todos, incluindo irmãos. Mais uma vez encaramos o risco de uma espera sem apoio. Quando há compreensão da real dificuldade envolvida, essas situações tendem a melhorar.

Vale lembrar que não há medicação para Dislexia. O tratamento visa desenvolver os aspectos prejudicados, para que as dificuldades de leitura e escrita sejam minimizadas ou superadas. Como se trata

de um déficit linguístico, normalmente é necessário acompanhamento fonoaudiológico e apoio educacional, mas outras intervenções podem ser necessárias, como psicopedagogia, psicologia, dentre outros, em função dos sintomas apresentados.

A parceria entre escola, família e as terapias de apoio é fundamental para o sucesso. Quanto mais precoce é uma intervenção, melhor, e ela também é capaz de revelar clinicamente ou educacionalmente diferenças individuais relevantes. Esse é o princípio básico da Resposta à Intervenção (RTI – Response to Intervention). Nesse sentido, uma criança que parecia ter risco de Dislexia pode se desenvolver mostrando que era apenas um leitor menos habilidoso, e rapidamente superar seus desafios. Por outro lado, outro escolar pode revelar dificuldades de fato resistentes, caracterizando uma Dislexia de fato. De uma forma ou de outra, são crianças que naquele momento precisavam de uma atenção especial. O importante é que as mudanças positivas de uma intervenção comecem antes que a dificuldade de leitura, qualquer que seja sua origem, traga prejuízos para outras áreas do desenvolvimento.

COMO PODEMOS AGIR?

Serão levantadas algumas estratégias para serem discutidas e consideradas pelos professores e equipe educacional de sua escola, visando encontrar, nas mais diferentes realidades, formas de possibilitar que o aluno disléxico se desenvolva plenamente.

As adaptações no campo da avaliação não podem em momento algum serem encaradas como um privilégio de qualquer ordem. O objetivo não é tornar o teste ou prova mais fácil do que de seus colegas, mas sim oferecer oportunidades similares a de seus colegas. A ampliação do tempo para realização das provas é um bom exemplo. Se a velocidade de leitura é sensivelmente mais lenta, uma característica marcante da Dislexia, nada mais justo do que ter um período mais longo para realizar as avaliações. Caso contrário, a avaliação poderá ficar incompleta, por falta de tempo hábil, ou a compreensão do material poderá ser prejudicada.

Como a leitura é o problema central, acaba por atingir todas as matérias. Se os enunciados não forem bem compreendidos, corre-se o risco de ter um insucesso nas provas devido a este fator, mesmo que o aluno tenha domínio total sobre os conceitos estudados. Existem maneiras diferentes de ajudar nesta situação. Tudo vai depender do quanto o aluno com Dislexia já conseguiu se desenvolver dentro de sua condição. Aqueles em que a leitura ainda



é algo quase que impeditivo, um “ledor” pode ser importante, ou a realização de uma prova oral. Se ele já consegue ler, mas para compreender é importante ele se ouvir (feedback auditivo), deve ser permitido que ele leia oralmente (ou em sussurro), para que atinja a compreensão.

A escrita também pode ser uma questão. O conteúdo deve valer mais do que a forma, ou seja, não é justo os conceitos escritos estarem corretos e a nota ser baixíssima por causa da ortografia, grande dificuldade em alunos com Dislexia. Não descontar pontos por erro na escrita ou descontar menos, de modo a não prejudicar a nota final, são orientações relevantes. Outra sugestão é pedir ao aluno que confirme oralmente as respostas que foram entregues por escrito, ou ainda, durante a correção das provas, considerar que algumas frases ou palavras aparentemente incompletas ou com estrutura gramatical errada não representam, necessariamente, conceitos ou informações erradas, e sim inabilidade de passar para o papel o que estava pensando.

Na escola, como na vida, não é justo que os conhecimentos venham somente via leitura (apesar de ser um nobre e excelente meio), justamente o canal a princípio prejudicado em alunos com Dislexia. Se não forem oferecidas outras formas de experiência e entrada das informações do mundo, estaremos limitando tais alunos, e produzindo um gargalo em suas oportunidades de aprendizagens.

Metas muito distantes da realidade fazem com que nossa motivação caia e tire a possibilidade de mediação durante este período. Nesta lógica, pode ser de grande valia segmentar uma atividade em sala de aula e criar metas intermediárias. Ao invés de pedir que o aluno faça as atividades da página 1 à 20, peça que aquela criança ou jovem apresente do 1 ao 5, do 6 ao 10 e assim por diante. Se o professor solicitar

Quanto mais experiências oferecermos a este aluno com dificuldade, mais amplas serão suas possibilidades de aprender

que o aluno apresente pouco a pouco suas atividades, dará oportunidade ao aluno de ter mediação mais frequente, de modo a organizar a informação e não correr o risco de manter uma atividade começada de forma errônea, até o fim.

A ampliação de recursos visuais é altamente indicada por vários estudiosos do assunto. Imagens podem proporcionar ao aluno disléxico uma nova perspectiva do assunto. O que falamos é temporal, acaba. Imagens, em contrapartida, são mais estáveis e entram como novo formato sensorial, fixando melhor a informação. Apresentar aos alunos filmes ou aulas online complementares ao que vai ser desenvolvido em sala de aula é um recurso bastante rico. O professor pode antecipar tais informações ao aluno, de forma que, ao se deparar com um texto ou a aula sobre o assunto, ele já tenha um conhecimento prévio para se ancorar, fazendo com que a aprendizagem se torne significativa.

Reforçando essa ideia, o uso de organogramas e esquemas são altamente facilitadores. Imaginem um tema, como Revolução Francesa, por exemplo. Um

esquema que pudesse colocar em um retângulo central o tema, setas vindas de cima apontando as causas, e outras abaixo mostrando as consequências e mudanças vindas em consequência. Ele poderia preceder um texto, favorecendo sua interpretação, ou suceder, tendo o aluno que buscar as informações para situá-las no local correto.

SÓ PARA DISLÉXICOS?

Nem sempre é possível modificar a metodologia proposta pela escola, mas propor novas formas de aprendizagem sim. Tudo o que pudermos lançar mão para ajudar o ser humano é considerado uma forma de tecnologia. Na educação, pode-se classificar a tecnologia em três tipos: físicas (uma caneta, um livro, um telefone, um computador, o quadro-negro), organizadoras (modos de como nos relacionamos com o mundo, sempre buscando agilidade e rapidez nos processos) e simbólicas (os signos e símbolos, a linguagem, a escrita, a representação icônica, vocabulário). Quanto mais experiências oferecermos a este aluno com dificuldade, mais amplas serão suas possibilidades de aprender. Mas diversificar é uma dica válida não só para alunos disléxicos.

Nesta perspectiva, consideramos interessante o conceito construído inicialmente pela arquitetura, visando à acessibilidade: o Desenho Universal (Universal Design). Para ilustrar, temos aquele bonequinho que pisca para avisar aos pedestres que o sinal vai abrir para os carros, que foi pensado para pessoas com problemas de locomoção, mas é útil para a mobilidade dos indivíduos em geral. O Desenho Universal para Aprendizagem segue a mesma lógica: aquilo que é indispensável para um grupo (por exemplo aquele com Dislexia), mas de grande utilidade para todas as pessoas. Assim, o professor não precisaria sentir-se sobrecarregado, já que uma única ação poderia facilitar todos os alunos.

REFERÊNCIAS

- Alves, M.M., Ribeiro, J., Simões, F. (2013). Universal Design for Learning (UDL): contributos para uma escola de todos. *Indagatio Didactica*, vol. 5(4).
- Mousinho, R., Alves, L., Capellini, S. (2015). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas III*. Rio de Janeiro: Editora WAK.
- Mousinho, R. Estresse em familiares de crianças com transtornos do aprendizado. (2011). *Revista Tecer: Centro Universitário Isabela Hendrix*, v4 n 6.
- Mousinho, R. (2010) Problemas na Leitura e na Escrita e Dislexia. *Revista SINPRO-Rio. Desafio de Educar*, nº5, 9-17.
- Pirozzi, G.P. Tecnologia ou Metodologia? O grande desafio para o século XXI. (2013). *Revista Pitágoras – ISSN 2178-8243*, v.4, n.4. FINAN.



Renata Mousinho
Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e Doutora em Linguística. Pós Doutora em Psicologia (UFRJ). Organizadora, da série de 3 volumes, do livro "Dislexia: novos temas, novas perspectivas", ao lado de Luciana Mendonça Alves e Simone Capellini. Publicado pela Wak Editora.